



MULTIMODALIDADE DA RESISTÊNCIA NEGRA: UMA ANÁLISE VISUAL CRÍTICA DA MATERIALIDADE DISCURSIVA EM MEMES DIGITAIS
Black resistance multimodality: a critical visual analysis of discursive materiality in digital memes

JOANA PAULA SILVA SOUSA¹
 FRANCISCO JEIMES DE OLIVEIRA PAIVA²
 EDUARDO DIAS DA SILVA³

RESUMO: Este artigo objetivou analisar à luz das teorias críticas do discurso, o gênero meme que abordou em sua materialidade discursiva à resistência negra, a partir da (des)construção dos discursos neles revelados sobre o preconceito racial e social causados pela diferença de classe e etnia oriundos da violência fomentada nas redes sociais, geralmente, por questões de raça e classe social. Para tal análise, foram selecionados onze memes que tematizam a luta e a resistência negra no Brasil, publicados na plataforma Facebook em 2018. Constatamos que os discursos construídos por meio da interação sociocomunicativa com esses memes foram capazes de evidenciar o uso da linguagem escrita e imagética criados no intuito de (des)naturalizar a prática discriminatória étnicorracial e social no discurso digital de muitos interactantes.

ABSTRACT: This article aims to analyze in the light of the critical theories of discourse, the genre meme that addressed in its discursive materiality to the black resistance, from the (dis) construction of the discourses in them revealed on the racial and social prejudice caused by the difference of class and ethnic origin of the violence fomented in the social networks, generally, by questions of race and social class. For this analysis, eleven memes that theme the struggle and the black resistance in Brazil, published on the Facebook platform in 2018, were selected. We found that the discourses constructed through the socio-communicative interaction with these memes were able to evidence the use of written and imagined language created in order to (dis) naturalize the discriminatory practice of social and ethnic in the digital discourse of many interactants.

PALAVRAS-CHAVE: Memes. Resistência Negra. Análise de Discurso Crítica. Multimodalidade.

KEYWORDS: Memes. Black Resistance. Analysis of Critical Discourse. Multimodality.

SOUSA, J. P. S.; PAIVA, F. J. de O.; SILVA, E. D. da. Multimodalidade da resistência negra: uma análise visual crítica da materialidade discursiva em memes digitais In.: **Revista Diálogos**, v. 7, n. 3, out.-dez., 2019.

¹ Mestra em História e Letras – MIHL pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC/ UECE. Graduada em História pelo Centro Universitário (UNINTA (2012). Especialista em História do Brasil pelo Centro Universitário INTA (2014). Bolsista FUNCAP. joanapaula4@hotmail.com

² Mestre pelo Programa Interdisciplinar em História e Letras na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), campus da Universidade Estadual do Ceará (2019). Aluno Especial do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades da UNILAB/CE (2016). geimesraulino@yahoo.com.br

³ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília (PósLIT/UnB), Mestre pela mesma instituição no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA/UnB) (2014). edu_france2004@yahoo.fr





DAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS À ANÁLISE DA MATERIALIDADE DISCURSIVA DA CONSTITUIÇÃO MULTIMODAL DO GÊNERO *MEME*

A pós-modernidade, como sistema contemporâneo de forma de vida em sociedade, trouxe muitas rupturas e novas tendências associadas às diferentes práticas e manifestações linguísticas e sociais (GUERREIRO; SOARES, 2016). Dessa forma, concordamos que os textos, as práticas sociais e discursivas na perspectiva da Análise do Discurso Crítica (ADC) vêm sendo (re)configurados, em razão de inúmeras mudanças impulsionadas pelo acesso as novas tecnologias, discursos e conhecimentos (BATISTA JR; SATO; MELO, 2018). Dessa forma,

[...] tem-se uma perspectiva de fragmentação, de ordem global, da contemporaneidade que remete a ideia de uma sociedade, que de acordo com alguns pensadores, está inserida em um entendimento de líquida (Bauman, 2009) ou pós-moderna (Lyotard, 2011) ou em um processo de modernidade tardia (Giddens, 2002) cujos os elementos estão fragmentados/diluídos, deixando simplesmente de existir, sendo necessário recorrer a fragmentos, fatos ou “pedaços” da história para dar sentido à materialidade do sujeito na interação social mediada pela linguagem (XOTESLEM, SILVA, SILVA, 2017, p. 27).

Baseando-nos nas perspectivas teórico-metodológicas da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1994 [1985]), da Teoria Semiótica Social da Multimodalidade (TSSM) de Gunther Kress e Theo van Leeuwen (2006 [1996]) e da Análise de Discurso Crítica (ADC) de Norman Fairclough (2001 [1992]), entre outros. Este artigo visa analisar a constituição discursiva e multimodal dos *memes* como forma de resistência negra, tendo em vista às questões a eles imbricados, sobretudo, incutidos na materialidade discursiva que revelem o preconceito racial e social no discurso digital, veiculados nas mídias sociais. Pois, ao vislumbrar uma Educação Antirracista enquadrada no rol das abordagens de pesquisas críticas cujo escopo consiste em entender a intrínseca relação entre discurso e práticas sociais, visamos combater, nesta investigação, à produção e reprodução do poder, ideologia e dominação simbólica e a construção de estereótipos raciais relacionados à produção do Outro, segundo Souza-Dias (2013), Silva e Souza-Dias (2017; 2018).





Ressaltamos que tanto a LSF, TSSM e ADC são discutidas, neste trabalho, de forma a esclarecer os fenômenos de língua(gem) e suas respectivas práticas discursivas/sociais em uma dimensão das multisssemioses e produção de sentidos, reforçando a importância desses enquadres teóricos-metodológicos, para que o(a) pesquisador(a) e/ou o(a) analista do discurso possa compreender os múltiplos significados que estão inseridos no meio social e nas interações sociais, sendo o signo o ajuntamento de uma forma e significado e existindo em vários modos que devem ser considerados como instrumentos para compor o significado de um texto.

Compreendemos que um texto multimodal é, segundo Kress e van Leeuwen (1996, p. 18) um texto que vai além da linguagem escrita, abrangendo outras formas comunicativas como gestos, imagens, o olhar, as expressões faciais, entre outros. Nesse sentido, Barros (2018), ancorando-se na Semiótica Social e nos estudos multimodais de Kress e van Leeuwen ([1996] 2006), retoma a perspectiva dos autores, enfatizando que “as imagens são a matéria de que nossa linguagem se constitui” (BARROS, 2018, p. 108). Por isso, coadunamos também que as “estruturas visuais não simplesmente reproduzem as estruturas da realidade, pelo contrário, elas produzem imagens da realidade que estão ligadas aos interesses das instituições sociais nas quais as imagens circulam, são produzidas e lidas” (AQUINO; SOUZA, 2008, p. 34).

Analisar os *memes* no contexto das práticas sociais propõe além de um olhar crítico ao discurso construído com a apresentação desse produto cultural como nos proporciona uma forma simples de observar situações complicadas dando um novo sentido aos fatos. Nesse sentido, o biólogo Richard Dawkins (1976) criou o termo “meme” a partir da palavra grega *μιμέομαι* (“mimema”, que tem a mesma raiz de mimese, e significa, portanto, “imitação”), através de sua forma em inglês *mimeme*, por aférese (DAWKINS, 2007), definindo *meme* como uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação ligada à memória, algo que se propaga entre os indivíduos, assim, o conceito de meme que temos hoje significa espalhar pela internet.

Seguindo uma perspectiva funcional e semiótico-social, os *memes* estão inseridos num dado contexto de produção e circulação nas redes sociais,





principalmente, no *Facebook*, pois encontramos diversos gêneros discursivos, textos verbo-visuais, informações variadas na forma de expressão, ideologias e interesses diferentes, visando o compartilhamento de ideias, sentimentos, valores, discursos e lutas por seus usuários e/ou interactantes em um dado contexto sociocultural de significação.

Na ótica de Lima e Castro (2016) os *memes* são artefatos culturais e textuais do ambiente virtual, ou seja, são estruturas verbo-visuais que, nas redes sociais, congregam informações e carregam ideias, emoções, argumentos, pontos de vista, configurando-se de forma individualizada e se materializando como gênero do discurso. Isso significa dizer para essas autoras que

[...] os *memes*, além de serem compartilhados através de redes várias, podem ser criados, modificados, recategorizados, proporcionando suas diferentes construções em estrutura e em conteúdo. Sob tal perspectiva, nesses textos, ocorre na maioria das vezes a multimodalidade, uma vez que a internet permite o acesso (e a reconstrução) a textos de semioses variadas” (LIMA; CASTRO, 2016, p. 40).

Partindo dessa trajetória conceitual, sabemos que essas manifestações nas redes sociais são direcionadas e motivadoras do processo de comunicação multimodal e de construção simbólica da linguagem na era do *globalismo digital* (BUZATO, 2016). Gonçalves (2017) ao analisar as *práticas de letramentos na elaboração de memes em atividades com fins educacionais* problematiza que

[...] as mudanças, nos meios de informação, comunicação e divulgação, ampliaram as possibilidades através da facilidade de circulação e, em muitos casos, de acesso. Com isso, houve também o aumento da quantidade de gêneros que transitam nesses espaços (o que frequentemente vemos nas redes sociais é que essas, além de servir de fonte de lazer, podem assumir a função de divulgar e fomentar a circulação de diversas informações), já que, segundo a autora, criam novas possibilidades de comunicação (GONÇALVES, 2017, p. 31).

Retomando às asserções acima, salientamos que a constituição multimodal e a materialidade de sentidos construídos nos memes analisados demonstram que esses gêneros em ambientes digitais reproduzem e naturalizam outros discursos, que vão além do humor [lazer] como analisado por Gonçalves (2017). Para tanto, acreditamos que por esses gêneros serem replicadores de





informações e/ou da própria informação (com)partilhada (CASTRO; CARDOSO, 2015), têm muitos outros propósitos enunciativos no contexto digital, entre os quais o de ampliar o conceito de “novo gênero”, considerando que muitos textos imagéticos e/ou verbo-visuais publicados nas redes sociais, criações dos próprios usuários mesclam, reconfiguram e recontextualizam uma dada situação (contextos e práticas sociais) com diversas construções verbais do cotidiano, integrados multimodalmente, complementando-se e construindo outros significados.

Ademais, concordamos com Castro e Cardoso (2015) ao imporem uma função crítica político-social para os *memes*, ainda que fiquem subentendido de modo frequentemente associado ao humor e a ironia nas práticas de linguagem desses usuários da língua. Por isso, o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e conversões (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Ou seja, o discurso é um modo de ação de agir sobre o outro, essas informações que os *memes* trazem, produzem e repassam conteúdos que fazem uma troca de informações coletivamente, é um discurso moldado pela estrutura social. Como defende Resende (2017), os textos que escrevemos e com que temos acesso em nossas experiências de socialização advêm das estruturas e situações sociais em que se produzem, das práticas de que participam, das convenções semióticas, mas também têm efeitos sobre essas articulações, muitas vezes transitórias, de elementos sociais e discursivos.

Fairclough (2001, p. 92) propõe que o *discurso como modo de ação* estabelece mudanças sociais e nos diferentes discursos expõe também uma forma de consumo por parte dos receptores e na “função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso”. Sabendo que as identidades presentes nos discursos transferem a ação individual para uma ação coletiva dos indivíduos nessa troca de informação e crítica, passamos a acreditar que as representações de raça, gênero e classe são percebidas, sob esta perspectiva, como sendo produtos de lutas sociais sobre os signos e as significações, privilegiando-se as transformações das relações





sociais, culturais e institucionais nas quais estes significados são suscitados (CANDAU, 2012).

Em suma, analisamos que a construção da identidade social em *memes* perpassa uma gama de enunciados e ideologias, logo é preciso “[...] referir os enunciados ao acontecimento de sua enunciação e à memória de dizer que atravessa as formulações, não é possível interpretar o movimento argumentativo nem os efeitos de sentido nele produzido” (FONTANA, 2016, p.3). Seguindo essa lógica, esses enunciados são necessários, nesta contextualização, para mostrar a materialidade discursiva da discriminação que os negros e negras, de certa forma, são vitimados e discriminados, porém, os enunciados verbais e imagéticos, a seguir, não nos levou apenas a análise de sua composição multimodal, mas sim, à compreensão de suas representações no intuito de apreendermos seus sentidos e ideologias predominantes em práticas sociais determinadas.

1. DA ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA À CATEGORIZAÇÃO MULTIMODAL DOS SIGNIFICADOS REPRESENTACIONAIS, INTERATIVOS E COMPOSICIONAIS DOS MEMES

Trazendo à baila as repercussões do episódio de discriminação de uma dançarina Arielle que trabalha para a cantora Anitta, vitimada pelo discurso do apresentador Faustão, constatamos que a resistência negra se faz materializada por meio da construção social e das práticas de linguagem na enunciação verbo-visual usadas pelos usuários nas redes sociais, dessa forma, entendemos que “[q]ualquer sistema semiótico tem a capacidade de formar textos, complexos de signos, com coerência interna e com o contexto em que foram produzidos” (AMOÊDO; SOARES, 2018, p. 136).

Isso significa que podemos destacar, nesse momento, a significação completa e inter-relacionada entre discursos, textos, semioses, porque tornou-se hoje evidente essa relação multissemiótica entre texto e imagem (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996, p. 41). Por fim, salientamos ainda a importância categórica da análise verbo-visual em descrever as estruturas que compõem a composição multimodal do texto visual, pois este é o caminho para se compreender os





elementos representacionais e interativos que são produzidos integrados ao significado composicional (AMOÊDO; SOARES, 2018).

Apresentamos agora a análise discursiva crítica e multimodal dos memes, coletados e separados por eixos temáticos: *Memes e resistência*, *Discurso de autoestima e afirmação*, *Resistência e empoderamento* e *Não ao racismo*.

Memes e resistência

Figura 01. "Cabelo "vassoura de bruxa": comentário de Faustão sobre dançarina de Anitta gera revolta". A qualificação negativa aos cabelos cacheados da jovem nos remete mais uma vez ao racismo cordial dos brasileiros"⁴



Fonte: reprodução/Facebook.

Na perspectiva representacional, este meme em questão é uma representação narrativa, pois há a indicação de vetores que realizam uma ação, ou melhor, um posicionamento de resistência por quem foi discriminada por questões raciais. A materialidade desse *meme*⁵ se evidencia politicamente pela representação social que vai ao encontro às lutas seculares das mulheres negras por mais espaço na sociedade, sobretudo de uma profissional da dança que tem os cabelos em conformidade com sua *identidade cultural*⁶ e valores específicos

⁴ Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2014/04/22/cabelo-vassoura-de-bruxa-comentario-de-faustao-sobre-dancarin_a_21668419/. Acesso em: 26 jun. 2018.

⁵ Cabe mencionar, segundo Castro (2017, p. 27) que “[o] meme, isto é, essa informação rapidamente veiculada, não é exclusivo do ambiente virtual, não surgiu com a internet. Isso significa dizer que o meme, em si, não é exclusivo do ciberespaço. Em momentos diferentes da história, com seus respectivos meios de comunicação, uma informação, poderia se propagar de maneira mais intensa ou não. Retomando o raciocínio de Dawkins (2006), um meme pode constituir, por exemplo, bordões, ideias, modas de roupas, entre outros”.

⁶ Para Hall (2006, p. 13) “a identidade cultural é um conjunto vivo de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que estabelece a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade”.





pertencentes a um grupo social bastante discriminado nas redes social atualmente.

Em relação, a metafunção interativa, observa-se uma relação entre a participante e o observador/leitor. Pode ser avaliada do ponto de vista do olhar, da distância social, da perspectiva ou da modalidade. No caso desse meme, temos um olhar de determinação e de luta por direitos, em que a participante olha diretamente para o leitor-observador, de modo a se reafirmar sua identidade cultural e étnica como mulher negra e profissional da dança que precisa ser respeitada independente de cor.

De um lado, a análise composicional das informações que nos são dadas pela imagem de Arielle à esquerda com um olhar firme e disposta a resistir aos discursos hegemônicos da indústria cultural, das mídias nacionais que constroem estereótipos de beleza homogeneizantes, de outro, temos na margem superior à direita o discurso institucionalizado e naturalizado “Arielle do cabelo de **vassoura de bruxa**” reproduzida por um agente conhecido da mídia brasileira.

Enfim, na margem inferior do *meme*, salta-se aos olhos, o discurso de (re)afirmação da identidade cultural da dançarina: “Esta é Arielle, negra, mulher e dançarina”, reforçando a materialidade da luta da mulher negra em um contexto de relações de poder desiguais à medida que vai se naturalizando discursivamente nas práticas sociais o racismo cordial no Brasil. Em resumo, esse *meme* analisado se tornou nas redes sociais uma crítica social, política e cultural, com base em um fato lamentável veiculado por um apresentador brasileiro, portanto, esse meme materializa mais do que apenas um **protesto virtual**, é um posicionamento de luta e resistência em meio a esse contexto tão acirrado nas relações étnicorraciais na contemporaneidade.

Discurso de autoestima e afirmação





Figura 02_a. Memes diversos.



Fonte: reprodução/Facebook, 2018.

Figura 02_a. Memes diversos.



Fonte: reprodução/Facebook, 2018.

Fonte: reprodução/Facebook, 2018.

Esse memes caracterizam discursivamente a necessidade da busca pela autoestima “Cabelos cacheados não dá **trabalho**/Dá **autoestima**” e afirmação da identidade “**Solte** seus cabelos/**prenda** o racismo” e da luta da mulher negra “**Me sinto culpada** as vezes... por **oprimir os brancos**” no contexto brasileiro em razão das inúmeras violências simbólicas e preconceitos arraigados na cultura dominante branca que impõe a esse grupo social os valores e os estereótipos de beleza hegemonicamente veiculados pelo discurso do capital que impera as mídias sociais e as empresas na sociedade global.

Todos esses *memes* digitais transmitem e imbricam-se multimodalmente por seus **significados representacionais, interativos e composicionais**, colocando à mulher negra em destaque por sua beleza própria, sobretudo, deixando os cabelos da forma que representa sua identidade étnica e culturalmente individual. O propósito aqui foi de interagir com o interlocutor a fim de enaltecer a cultura negra no enfrentamento social dos preconceitos sociais e étnicorraciais na sociedade contemporânea.





Na Análise de Discurso Crítica, desenvolvida inicialmente por Fairclough (2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999), temos uma abordagem científica interdisciplinar para estudos críticos da linguagem como prática social, com foco na explanação de problemas sociais parcialmente sustentados por relações de causa-efeito do discurso no mundo, e vice-versa (PAIVA, 2017). Retomando às questões conceituais neste estudo, reforçamos com base em Lima e Castro (2016) que o gênero meme digital é um:

[...] artefato (ciber)cultural, não é estrutura cristalizada. São formas de ação social de caráter dinâmico, de estilo e de conteúdos demarcados (MARCUSCHI, 2010, 2011). Deve-se, portanto, atentar-se para o funcionamento linguístico imerso nas atividades culturais específicas, porque constituem fatores de circunstancialização, como os textos se realizam em espaços distintos, e sob que influências. O *meme*, gênero emergente das novas tecnologias digitais (MARCUSCHI; XAVIER 2010), tem seu ambiente específico, como já dito, que propicia sua criação e rápida disseminação e, além disso, é preciso considerar seus aspectos composicionais, uma vez que o *ciberespaço* lhe confere caráter multimodal (LIMA; CASTRO, 2016, p. 42).

Para tanto, pode-se observar que todos os *memes* digitais do nosso *corpus* têm em seu contexto um discurso de afirmação contra à discriminação racial e social sofrida construída a partir de um passado histórico opressor. Conseqüentemente, ao retomá-los, recontextualizá-los e reconfigurá-los em ambientes digitais os usuários reproduzem o discurso de (des)legitimar o que é dito como resistência negra contra o preconceito atribuído na forma de combatê-lo por meio desses discursos. Ao interpretarmos essas práticas sociais, conseguimos evidenciar e possibilitar uma possível compreensão multimodal do assunto que se possa vir a abordar, bem como das formas de comunicação intermediadas por recursos semióticos múltiplos, e como esses recursos atuam para erigir signos em contextos sociais efetivos (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001).

Paiva e Fernandes (2012, p. 160-161), em uma leitura crítica à luz das teorias bakhtinianas (2010, p. 71), entende que o “discurso é um fenômeno social em todas as esferas de sua existência”, e traz para dentro de sua estrutura sintática e semântica outras vozes, outros discursos, igualmente situados social e





ideologicamente e que, além disso, ao serem citados, não perdem, de todo, sua forma e conteúdo (PAIVA, 2018). Por isso, concordamos com a visão faircloughiana de que

O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as relações de poder. O discurso como ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94).

Sob essa perspectiva, a relação de poder, segundo Fairclough (2001) é um movimento de discurso para as práticas sociais, percebemos que os *memes* digitais deste estudo apresentam um discurso de momento, um diálogo exposto a ponderações ideológicas e surgido a partir de críticas preconceituosas. Nesse sentido, do ponto de intersecção entre as práticas sociais e os textos, as práticas discursivas não são apenas um lugar de construção de ideologias, mas, de maneira especial, de sua (des)construção, um espaço potencial de transformação das relações de dominação e de poder instituídos (PEIXOTO, 2014).

Por fim, podemos ressaltar que o discurso não apenas representa o mundo, a partir de visões relativamente estáveis de aspectos da realidade, entretanto o significa (FAIRCLOUGH, 2001), por meio da produção de sentidos gerada na dinâmica discursiva, o estudo desses *memes* digitais precisam lançar mão de uma perspectiva linguístico-discursiva acerca dos significados da língua(gem), para abranger também a composição multimodal e a inscrição discursiva do evento na vida social e política desses sujeitos.

Com isso, destacamos os *memes* que se consolidam nessa formação discursiva e cultural do mundo tecnologizado (BUZATO, 2016), ocasionados por fatos históricos e emblemáticos no Brasil que tem legitimado a necessidade por lutas e resistências constantes do povo negro, como pode ser observado nos *memes* por meio da desnaturalização do preconceito racial:

Resistência e Empoderamento





Figura 03_a. Memes diversos.



Fonte: reprodução/Facebook, 2018.



Fonte: reprodução/Facebook, 2018.

Figura 03_a. Memes diversos.



Fonte: reprodução/Facebook, 2018.



Fonte: reprodução/Facebook, 2018.

Observando às práticas discursivas em relação à resistência e ao empoderamento se mantêm e se estruturam por relações entre os indivíduos e os meios de comunicação sociais que são apresentados, a importância dos discursos em torno da afirmação e resistência negra põe em evidência o processo de luta e (des)construção de discriminação que expõe negras e negros no meio social, criticados por estarem na sociedade o que leva esse processo de afirmação provocar uma mudança social.

Nesses *memes* os **significados representacionais, interativos e composicionais** da atuação-militante de mulheres negras famosas e reconhecidas por uma determinada comunidade cultural e racial, os/as negros/as, evidenciando a necessidade de todas as mulheres lutarem por seus direitos em meio a uma sociedade dividida por crises institucionais e sociais em que as relações de poder são moldadas geralmente pela ação, atitudes, valores e





crenças de homens/mulheres brancos/as e ricos/as. Para tanto, as práticas de linguagem nesses *memes* se materializam, neste momento, sobretudo pelo recurso das ironias em contrapartida com uma expressão fácil, ora satirizando quem as tenta atingir com preconceitos, ora de forma séria, repudiando os discursos racistas contra elas com o uso de imagens de mulheres que possuíam grande representação social nessa luta no plano da realidade atual.

Nesse sentido, além do racismo, os negros e negras passam pela discriminação do colorismo⁷ ou a pigmentocracia⁸ causada pela cor da pele. Essa discriminação impede o acesso desses indivíduos em alguns lugares da sociedade, por aspectos fenóticos como cabelo crespo, nariz arredondado ou largo, dentre outros aspectos físicos materializados por intermédio dos vários significados dos *memes* digitais analisados, para isso, Recuero (2009, p. 130) nos explica que a “[a] presença de memes é relacionada ao capital social, na medida em que a motivação dos usuários para espalhá-las é, direta ou indiretamente, associada a um valor de grupo”. Adiante, trazemos a análise visual crítica dos *memes* que representam a seguinte temática:

Não ao racismo

Figura 04. Memes diversos.



Fonte: reprodução/Facebook, 2018.



Fonte: reprodução/Facebook, 2018.

⁷ Para mais informações sobre Colorismo. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/?gclid=CLaypbzz79QCFRAJkQodUdILLw>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

⁸ O colorismo ou pigmentocracia é a discriminação pela cor da pele e é muito comum em países que sofrem a colonização europeia e em países pós-escravocratas. De uma maneira simplificada, o termo quer dizer que, quanto mais pigmentada uma pessoa, mais exclusão e discriminação essa pessoa irá sofrer.





Analisando esses *memes*, consideramos que “[a] ADC vai se ocupar dos efeitos do discurso na sociedade, como por exemplo, a instalação do poder, manutenção e perpetuação do poder” (SATO; BATISTA JR, 2018, p. 186). Por isso, ressaltamos que as **escolhas lexicais** presentes *memes* realçam conhecimentos compartilhados, pressupostos, modos de agir e ser no mundo, isto é, em forma imperativa os discursos são entrelaçados por uma rede discursiva de luta contra o racismo, enaltecendo questões identitárias de forma imperativa: “Não me **chame** de moreno, **sou** negro”, outro exemplo com o uso de vocativo: **Cara** gente **branca**” ou de alerta: “**Se toca** meu bem” todos integrados semioticamente às estruturas visuais multimodais respectivas.

Em geral, os **significados representacionais, interativos e composicionais** se manifestam pela interlocução entre a ação de verbo-visualizar textos verbais que causam impacto aos interactantes nas redes sociais a terem consciência e posicionarem contra o preconceito racial aos negros/as. Logo, a postura corporal no segundo *meme* reforça o valor informacional dado pela linguagem visual, emanada da luta e da resistência da comunidade negra no Brasil.

Dessa forma, compreendemos que na perspectiva da ADC, a ideologia é uma dimensão analítica do estudo do discurso como prática social, ao lado da hegemonia, mesmo que Fairclough (2001) entenda que a ideologia constrói-se e materializa-se nas práticas discursivas, ela é concebida como categoria da prática social, porque sua investigação tem o objetivo geral de especificar a “natureza da prática social da qual a prática discursiva é uma parte, constituindo a base para explicar por que a prática discursiva é como é, e os seus efeitos sobre a prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 289).

Enfim, concordamos ainda com Fairclough (1989, p. 85), quando ele afirma que a ideologia é mais efetiva quando sua ação é menos aparente, então, o direcionamento da ADC está sendo fornecer enquadres científicos para apontar e desvelar sentidos ideológicos naturalizados ou legitimados, considerando a possibilidade da superação de relações desiguais de poder e emancipação daqueles/as que se situam em desvantagem social (RAMALHO, 2010).





Cabe mencionar que a linguagem *online* oferece na seara da internet, segundo Barton e Lee (2015, p. 34) espaços de reflexão sobre a própria linguagem e comunicação, nesse sentido essas novas formas de participação e diálogo podem contribuir na construção de uma “consciência da linguagem”, em outras palavras, esses autores enfatizam que:

[c]ompreender como funciona a linguagem *online* também é importante no sentido de os linguistas poderem contribuir para discussões públicas sobre a importância das novas mídias, oferecendo alternativas as teorias deficientes, desafiando pânico morais sobre a língua e indo além do determinismo tecnológico. Isso pode ajudar as pessoas a desenvolver uma consciência crítica de como usar espaços *online* de modo eficaz (BARTON; LEE, 2015, p. 34).

A compreensão desse contexto de interação comunicativa traz contribuições na *reflexividade linguística*⁹ como mediador do discurso digital. Não resta dúvida que nesses espaços “[...] os sujeitos são posicionados ideologicamente, mas são também capazes de agir criativamente no sentido de realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas e ideologias a que são expostos e de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadoras” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 121).

Seguindo essa análise, se deve observar o contexto em que o discurso está inserido, para que se possa compreender e fazermos nossos posicionamentos seja a favor, contra ou posiciona-se diferente dos discursos que foram apresentados.

Vejamos, a seguir, o quadro com a categorização multimodal dos *memes* digitais por eixo temático, analisados à luz da multimodalidade e da ADC faircloughiana:

⁹ De acordo com Barton e Lee (2015, p. 162) a “*reflexividade* é uma propriedade fundamental da linguagem humana. Os usuários da língua são capazes de usá-la para refletir sobre ela e seu uso na vida cotidiana”. Ou seja, [...] As novas mídias também proporcionam novas oportunidades e espaços para que os atores sociais reflitam sobre questões linguísticas, especialmente na forma escrita”.





Quadro 1 - Categorização da análise multimodal/visual dos *memes* digitais

Objetivo	Conteúdo Proposicional	Forma	Função Social	Categorização temática dos memes digitais
- Interagir com os participantes (representados e interativos) no contexto digital	- Registrar lutas, histórias sociais e culturais, contextos atuais	- Multimodal (incorporação de diferentes modos semióticos)	- Mostrar ideologias sociais incorporadas - Preconceitos/Racismo	- Memes e resistência; - Discurso de autoestima e afirmação; - Resistência e empoderamento; e - Não ao racismo.

Fonte: Elaboração própria, com base nos teóricos citados e na análise multimodal dos *memes*.

A partir do quadro acima, ficou comprovado que os discursos de resistência de negros(as) presentes nos *memes* analisados apresentam um tom de ironia, humor, luta em seu contexto, tornando evidente que nessa abordagem a transmissão dos *memes* está sujeita à mutação contínua e também à mistura (DAWKINS, 1979), seja de valores e sentimentos dados pelos indivíduos que repassam discursos e desejam se expressar na forma direta ou por metáforas, o que enfatiza a afirmação de um discurso sobre o outro.

Os diferentes tipos de apresentação de discurso sejam escritos, falados ou imagéticos nas mídias digitais propõe uma abordagem da análise de discurso na desconstrução estereotipada aqui relacionada à imagem de negras e negros. As imagens e textos expostos completam-se, “prática e resistência ancoradas no lugar de enunciação do eu corpo = espaço simbólico de resistência” (FONTANA, 2016, p. 11). Assim, é proporcionado um espaço de manifestações com esses elementos de interpretação do indivíduo oprimido em um processo individual o qual toma proporções coletivas, isso acontece quando se expressa no discurso digital, pois são muitas as formas de expressar e construir identidades em redes sociais.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisamos a resistência negra em *memes* encontrados no *Facebook*, que trazem em seu contexto uma forma de compreensão multimodal





em torno das manifestações, lutas e resistências efetivadas em práticas de letramento nas mídias sociais, consubstanciadas pelo discurso digital materializado em forma de *memes*. Acreditamos que a prática discursiva desses sujeitos nas mídias digitais, impulsionou-se pela necessidade de expressar a resistência negra, produzida no meio social como qualquer outra situação que causou incômodo coletivo, fazendo-os reagirem com a apropriação e uso destas imagens na (des)construção de discursos.

Sendo assim, as pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas expressões lexicais que são também escolhas sobre o significado (e a construção, manutenção ou subversão) de *identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença* (FAIRCLOUGH, 2001; RESENDE; RAMALHO, 2004, p.189). Essa análise proporcionou compreender o comportamento linguístico desses sujeitos e sua forma de representar seus discursos contra a discriminação racial e social e a partir da análise de discurso crítica, buscamos entender a linguagem nas mídias digitais desenvolvida como prática social/discursiva na contribuição de questões ligadas à discriminação, às lutas e às resistências por direitos e expressão de pensamento, entre outros.

A análise verbo-visual empreendida, nos proporcionou entender que tanto os corpos das mulheres negras representam, de fato, o espaço simbólico de resistência ao preconceito racial quanto a integração multimodal dos textos verbo-visuais promovem a construção discursiva e a materialidade discursiva na configuração de ideologias, valores e crenças, emanadas pelos *memes*, evidenciando, pois, *às práticas de resistências, ancoradas no lugar da enunciação do eu* (FONTANA, 2016), o que possibilitou o uso da linguagem virtual como prática discursiva capaz de refletir as lutas e as relações de poder recorrentes na contemporaneidade.

Ao encontro a essa constatação, concordamos que “qualquer pessoa com conhecimentos rudimentares de edição de imagem digital pode, potencialmente, se apropriar de uma ideia, modificá-la e compartilhá-la” (MARTINO, 2015, p. 178), características da produção desses gêneros, por isso, é necessário que os usuários da língua tenham consciência crítica do que se está compartilhando e/ou viralizando nas redes sociais.





Os *memes* já existiam mesmo antes do virtual, no entanto, foi no meio digital que eles ganharam destaque devido a rápida veiculação desses textos, consequência de sua plasticidade (CASTRO, 2017). Em outras palavras, os *memes*, além de serem compartilhados por meio de redes variadas, podem ser criados, modificados, recategorizados, resultando em diferentes construções em estrutura, conteúdo e propósitos, por isso, os aspectos do discurso multimodal estão em demasia integrados à constituição semiótico-visual dos *memes* veiculados na atualidade.

Em suma, a análise dos significados representacionais, interativos e composicionais da constituição dos *memes* nesta pesquisa, nos forneceu condições teórico-metodológicas de descrever e analisar a materialidade discursiva das estruturas visuais e verbais concernentes à composição de cada *meme*, que traz a sua constituição semiótico-visual outros propósitos, além do sentido humorístico, o crítico, sendo crucial, não somente a articulação dos signos semióticos e linguísticos para este entendimento, mas também a exploração dos significados que emergiram dos textos verbais e/ou imagéticos e do caráter denunciador contra os preconceitos e o racismo institucionalizado e naturalizado nos discursos de muitos sujeitos e/ou interactantes das redes sociais.

Pois, parafraseando Rubens Alves, conhecimento que não decifra a vida e não ilumina o mundo não é conhecimento. É enganação. Assim sendo, é importante para combater a desigualdade, a discriminação e para compreender verdadeiramente a história e a cultura brasileiras. Reverberando Silva e Souza-Dias (2017; 2018), pretendemos, assim, acumular forças para a formação de uma sociedade justa, igualitária e fraterna, livre de toda forma de preconceito, discriminação e opressão, independentemente da cultura, religião, raça e etnia, gênero e orientação sexual.

REFERÊNCIAS

AMOÊDO, R. S. de; SOARES, N. M. M. Transformações discursivas no contexto digital: análise multisemiótica do gênero *meme*. **PERcursos Linguísticos**, Vitória (ES), v. 8, n. 18, 2018. Disponível em:





<<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/19130>>. Acesso em: 19 dez. 2018.

AQUINO, L. D. de; SOUZA, M. M. A multimodalidade no gênero blog. *In*: ALMEIDA, D. B. L. de. (org.). **Perspectivas em análise visual**: do fotojornalismo ao blog. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008. p. 33-43.

BAKHTIN, M. M. **Questões de Literatura e de Estética**. Tradução de Aurora F. Bernardini. São Paulo: Hucitec/Anablume, 2010.

BARROS, M. A. X. Imagens e construção sociosemiótica no livro didático de língua portuguesa. *In*: LENDL, A.; PINHEIRO, M. S. (Orgs.). **Multimodalidade**: perspectivas teóricas e aplicadas. - João Pessoa: Ideia, 2018.

BATISTA J. R., J. R. L.; SATO, D. T. B. Análise de discurso das práticas: etnografia. BATISTA JUNIOR, J. R. L. SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de. (org.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2018, pp. 184-197.

BATISTA J. R.; MELO, I. F. de. Introdução. *In*: BATISTA JUNIOR, J. R. L. SATO, D. T. B.; MELO, I. F. de. (org.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2018, pp. 8-17.

BUZATO, M. E. K. (org.). **Cultura Digital e Linguística Aplicada**: Travessias em linguagem, tecnologia e sociedade. Campinas/São Paulo: Pontes Editores, 2016.

CASTRO, L. G. F. de. **O MEME DIGITAL**: construção de objetos de discurso em textos multimodais. 2017. 79f. Dissertação (Mestrado em Letras/Estudos Linguísticos), Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

CASTRO, L. G. F. de; CARDOSO, T. G. Memes: os replicadores de informação. **Anais eletrônicos do VI ENPOLE**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, jan. 2015. Disponível em: <http://enpoleufs.com.br/textos/Lorena_Gomes.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2018.

CANDAU, V. M. F. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educ. Soc.** [online]. 2012, vol.33, n.118, pp.235-250.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University, 1999.

DAWKINS, R. Memes: os novos replicadores. *In*: _____. **O gene egoísta**. (The Selfish Gene). Trad. Geraldo H.M. Floresheim. São Paulo: Companhia das Letras. 1979, p.148-154.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. Trad. Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [2006].

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.





FONTANA, M. G. Z. Argu(meme)ntando Argumentação, discurso digital e modos de dizer. [Apresentação em Power point]. *In: III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (III SEDIAR)*. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2016. Disponível em: < <http://octeventos.com/sediar/programaçãominicursos.php>>. Acesso em: 4 jul. 2018.

GONÇALVES, C. J. S. L. **Práticas de letramentos na elaboração de memes em atividades com fins educacionais**. 122f. 2017. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em História e Letras), Faculdade de Educação, Ciências e Letras/FECLESC/UECE, Quixadá-CE, 2017.

GUERREIRO, A.; SOARES, N. M. M. Os *memes* vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos. **Texto Digital**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 12, n. 2, p. 185-208, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2016v12n2p185>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. (2. ed.). London: Edward Arnold, 1994 [1985].

KRESS, G.; LEEUWEN, T. Van. *Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication*. Oxford University Press, 2001.

KRESS, G. **Reading Images: The Grammar of visual design**. Londres: Routledge, 2006 [1996].

LIMA, G. de O. S.; CASTRO, L. G. F. de. *Meme digital: artefato da (ciber)cultura*. **Revista (Con) Textos linguísticos**, Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória, v. 10, n. 16, pp. 38-51, 2016.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S.; (org.). Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 16-31.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C.; (org.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construções de sentido*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 11-80.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

PAIVA, F. J. de O. A formação da identidade cultural do personagem *Euricão* na teia das tramas e dos *risos* na peça teatral *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna. **Jamaxi: Revista de História e Humanidades**, v. Disponível em: <<http://revistas.ufac.br/revista/index.php/jamaxi/article/view/1716/1024>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

PAIVA, F. J. de O. Uma análise de discurso crítica em aspectos de Linguagem e de recursos persuasivos no slogan *Você muda, a gente cuida*, da natura plant Shampoo. **LING. – Est. e Pesq.**, Catalão-GO, vol. 21, n. 1, p. 67-94, jan./jun.





2017. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/52229/25322>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

PAIVA, F. J. de O.; FERNANDES, L. M. V. A construção da personalidade de Mariano no discurso literário em *O Galo de Ouro*, de Raquel de Queiroz. **Revista Literatura em Debate**, v. 6, n. 10, p. 151-164, ago. 2012. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/631/1167>>. Acesso em: 24 dez. 2018.

PEIXOTO, M. E. G. **O escândalo político como luta social: uma análise de discurso crítica do evento midiático Novos alopados**. 2014. 213f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2014.

RAMALHO, V. Uma leitura crítica da interdiscursividade: o caso da publicidade de medicamento. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 40, p. 117-130, 2010. Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/40/artigo5.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. C. V. S. Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: Implicações teórico – metodológicas. **Linguagem em (Dis) curso – LemD**, Tubarão, v. 5, n.1, p. 185 – 207, jul/dez. 2004.

RESENDE, V. de M. Análise de discurso crítica: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada. *In*: RESENDE, V. de M.; REGIS, J. F. da S. (orgs.). **Outras perspectivas em análise de discurso crítica**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

SILVA, E. D. da; SOUZA-DIAS, R. Race, class and education: defying hegemonic process of inequalities. **Revista Diálogos (RevDia)**, v. 6, n. 2, p. 221-232, mai.-ago., 2018. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/6490/pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

SILVA, E. D. da; SOUZA-DIAS, R. Letramento racial mediado pela literatura infantojuvenil na educação básica. **Revista InterteXto**, Uberaba, v. 10 n. 2 p. 1-18, 2017. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/2424/2748> Acesso em: 09 jan. 2019.

OUZA DIAS, R. **Desafios enfrentados por alunos de classes sociais menos favorecidas rumo à aprendizagem de inglês: uma questão de identidades**. 161f. PPGLA/LET/UnB, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13887/1/2013_RomarSouzaDias.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2019.

XOTESLEM, D. V.; SILVA, E. D. da; SILVA, U. A. Ser diferente é ser normal: A Terra dos Meninos Pelados, de Graciliano Ramos. **Ininga**, Teresina, v. 4, n. 2, p.





26-39, 2017. Disponível em:
<<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/ininga/article/view/6367/3988>>. Acesso em: 09
jan. 2019.

